



## CNPC vai se reunir no próximo dia 13

06/03/2020

O Conselho Nacional de Previdência Complementar (CNPC) vai se reunir na próxima semana. A reunião está agendada para 13 de março, com duração prevista para o dia inteiro.

Está previsto, inclusive, que irá a deliberação a proposta de alteração da Resolução CNPC nº 29, de 13 de abril de 2018, aquela que trata dos procedimentos contábeis das entidades fechadas, tema que foi examinado por um grupo de trabalho dedicado ao debate da marcação a mercado e integrado pela Abrapp e Ancep.

Na reunião serão ainda fornecidas informações sobre a implementação do Decreto 10.139, de 28 de novembro do ano passado, relativo à revisão e consolidação dos atos normativos inferiores a decreto.

Também será discutido e definido o planejamento estratégico do CNPC para 2020.

## Cresce a mobilização para o 13º Conancep

Os ancepianos se preparam para o seu Congresso em agosto

Os ancepianos se mobilizam para o **13º CONANCEP - Congresso Nacional da ANCEP**, que está agendado para o Rio de Janeiro, entre os dias 19 e 21 de agosto. Com o apoio da ABRAPP já definido, o **13º CONANCEP - Congresso Nacional da ANCEP** é o principal evento promovido pela ANCEP.

Definidos cidade e datas, o nosso público já pode não apenas acompanhar com ainda mais interesse os preparativos, mas também reservar o período na agenda, além de planejar melhor a inscrição. Desse modo vai-se garantir um evento temática e tecnicamente rico, atual e impactante, sendo esperado um público superior a 700 pessoas, o que significa ao menos uma centena acima do que conseguimos reunir em Recife, em 2018. Um fato que deve atrair inscrições é que presença no 13º CONANCEP garante ao inscrito pontos nos programas de educação continuada do ICSS e CFC.

## O risco desafia os fundos de pensão

As políticas de investimentos dos fundos de pensão para 2020 indicam que as fundações vão aumentar o risco de suas carteiras diante dos juros nas mínimas históricas, que pressionam as metas atuariais. Essa movimentação, contudo, representa um desafio para as entidades de previdência fechada. Elas não estão preparadas para o ambiente competitivo e de diversificação de ativos necessária, alerta a consultoria alemã Roland Berger. "O setor previdenciário brasileiro terá de se transformar, modernizando estratégias e modelos de gestão", afirma ao Valor Econômico o diretor Daniel Martins.

Para a Roland Berger, o "conforto" criado pelos altos juros de outrora não criou um ambiente de modernização e evolução no setor. Para alcançar retornos mais atrativos no cenário de juros nas mínimas históricas, as organizações terão que revisar políticas de investimentos e regras de apetite a risco. E apesar de alguns já terem começado, ainda há muito espaço para se modernizar e crescer, segundo Martins.

Mesmo que algum movimento em direção ao risco venha sendo feito, as fundações brasileiras ainda figuram entre as mais conservadoras do mundo. A proporção de ativos de renda variável nas carteiras é inferior a 10%, ante fatia de mais de 40% em países como Holanda ou Austrália, compara a Roland Berger, em um estudo chamado "Novos Desafios e Transformações do Mercado de Previdência".

Algumas das principais fundações do país - casos de Previ, Petros e Funcef - possuem posições maiores em renda variável, mas muito concentrada. E as alocações no exterior dos fundos de pensão como um todo não chegam a 2%, apesar de a legislação estabelecer um limite de até 10% das carteiras.

"O ano de 2020 começou com uma demanda por estudos de reavaliação dos ativos, mudança de estruturas e seleção de gestores. Não sei se vai chegar naquilo que o mercado espera em termos de alocação de renda variável, mas me parece que será dado um passo importante", diz o sócio da Aditus, Guilherme Benites. Os mais recentes estudos atuariais apontaram a necessidade de venda títulos públicos marcados a mercado assim como as políticas de investimento a partir de 2020 já preveem aumento dos limites de alocação em renda variável.

A nova estratégia da Fapes, que está fazendo uma revisão de seu portfólio em busca de uma maior eficiência na gestão do risco, considera duas carteiras de investimentos. Uma delas é a referência, portfólio definido pelo conselho deliberativo da fundação. Ele define como a carteira da Fapes deve dividir-se entre renda variável - local e global - e renda fixa de longo prazo, as NTN-Bs. A parcela mais relevante dos riscos relacionados à carteira de investimentos está representada por esse segmento. Por ser composta basicamente por investimentos passivos e representados por índices, sua implementação é bastante simples. Uma vez definido esse portfólio, o mandato da equipe de investimentos da fundação é o de, dentro de determinados limites de risco, bater essa carteira. Assim, adicionará novas estratégias de investimentos ativas e novos ativos como crédito privado, imóveis, gestão ativa de renda variável e fundos multimercados.

A rentabilidade da Fapes no ano passado foi de 28,71%, o melhor resultado desde 2003.

## Funcef bate a meta com boa margem

A Funcef obteve rentabilidade consolidada de 14,47% em 2019, superando o objetivo estabelecido em sua Política de Investimentos, que era de 10,18%, um ponto percentual acima da meta atuarial, noticia o site da revista Investidor Institucional.

A rentabilidade da fundação na renda variável foi de 35,81%, superando em 2,42 pontos percentuais o índice de referência do segmento, o IBrX-100 (33,39%), sendo que cerca de 70% dos recursos alocados em renda variável tem gestão própria, através de um fundo que replica o IBrX-100.

Já na renda fixa a rentabilidade foi de 10,34%, o que equivale a 173% do CDI, resultado que se explica pelo retorno médio alto dos títulos públicos marcados na curva em poder da entidade.

